

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
2 de junho de 2026

KENTUCKY PRIDE / 1925

Realização: John Ford / Argumento: Dorothy Yost / Fotografia: Georges Schneiderman / Interpretação: Henry B. Walthall (Beaumont), J. Farrell McDonald (Mike Donovan), Malcom Waite (Greve Carter), Gertrude Astor (Senhora Beaumont), Belle Stoddard (Senhora Donovan), Winston Miller (Danny Donovan), Peaches Jackson (Virginia Beaumont).
Produção: Fox / Cópia: DCP, 70 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: Ciclo John Ford, 1983.

acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

O conjunto de filmes de 1925 a 1931 de John Ford parece convocar, até pelo contraste com os filmes que se seguem a **Grapes of Wrath**, a questão da **encomenda** na obra do cineasta. Não vamos aqui adiantar-nos sobre a complexa relação que o sistema de produção cinematográfica de Hollywood tece entre estúdio, género, realizadores, técnicos e *star-system* – a propósito desse tema já se gastaram toneladas de papel que não cabe nesta folha sumarizar – fiquemo-nos apenas pela tentativa de elucidação do efeito das "encomendas" sobre Ford e de efeito de Ford sobre as "encomendas".

Kentucky Pride, **Lightnin'** e **Shamrock Handicap**, constituem um bom triângulo de referência (o que aliás valeria para todos os filmes realizados entre **Iron Horse** e **Three Bad Men**), uma comédia e dois *horse-racing romances* que a Fox propôs a Ford, no primeiro caso por necessidade de seguir os rumores do tempo, no segundo caso devido em parte à popularidade do cineasta e ao seu gosto pelo tema, os cavalos, em **Kentucky Pride** associados ao Sul e em **Shamrock Handicap** à Irlanda. Repare-se, portanto, no facto de não existir um "acaso puro", difícil de supôr numa indústria tão organizada.

Por outro lado, se há muito de mecânico na execução das encomendas por parte de Ford, há pelo menos outro tanto de pessoal que, inevitável e intencionalmente, Ford coloca nesses filmes. É difícil não ver neles quer o humor típico do autor, quer igualmente a definição de laços comunitários que só John Ford concebia, ou ainda o esboço de personagens que mais tarde virão a surgir em filmes mais desejados e mais controlados por ele.

Kentucky Pride tem por isso mesmo e a começar no próprio título, muito de fordiano. No título, porque para além da referência a um estado do Sul, nele se estabelece um dos sentimentos fundamentais dos seus filmes, o do orgulho. Em Ford, o orgulho nunca surge associado à arrogância, ou a qualquer situação de poder que minimize os outros. O orgulho fordiano é um orgulho de **raça**, um amor de si antes de mais, mas um amor de si que se funda também na integração numa família, numa comunidade, numa pátria.

Ora, respeitando estes tónus fordiano, **Kentucky Pride** releva no entanto, do insólito. Um insólito que não horroriza, um insólito que não escandaliza, um insólito-insólito e pronto. Tudo começa quando, no genérico do filme, ainda antes de aparecer a ficha dos actores, surge um intertítulo em que os cavalos do filme, os "*U.S.Horses*", nos são apresentados como personagens da ficção que se segue e respectivos "actores". Só a seguir, "*Those creatures called humans*" têm direito a ser mencionadas. Nos intertítulos se define, pois, que os humanos são secundários do filme e que os actores principais têm outra linhagem.

Mas não se pense que tudo isto está lá apenas em sentido figurado. É que **Kentucky Pride** começa com o nascimento de um cavalo, "Virginia Future", que será não apenas o centro da acção, mas o **sujeito** do ponto de vista de todo o filme. De tal forma é assim que mal nasce e logo temos um plano subjectivo com o mundo a ganhar forma aos olhos de "Virginia Future" através, exactamente, da figura de J. Farrell McDonald e dos seus amigos, as tais "*creatures called humans*".

A partir daí, não só a narração é feita na primeira pessoa, cavalar bem entendido, como será do ponto de vista do cavalo, ou melhor, da égua, que se revelam os amores ilícitos da Senhora Beaumont, bem como é do ponto de vista de "Virginia" e da sua narração que nos é dado o casual encontro com Beaumont (H.B. Walthall) e Donovan (J.F. McDonald) na rua, com o incrível *flashback* de Virginia recordando a primeira carícia do dono a seguir ao nascimento, *flashback* que bem se poderia baptizar como a referência ao "bloco de infância" psicanalítico numa perspectiva equídea.

Mas há mais. "Virginia" é, no seu óbvio antropomorfismo, bastante semelhante ao herói fordiano típico. No momento em que deveria justificar o orgulho que em si se deposita, "Virginia Future" acaba por falhar, arrastando durante o resto do filme a culpa dessa falha (expiada através dos maus tratos dos novos donos), que o argumento resolve convencionalmente, através da redenção permitida pela vitória de "Confederacy", a filha de "Virginia Future", na corrida onde a mãe falhara.

Nada isto invalida, nem é isso que está em causa, que **Kentucky Pride** seja um filme convencional, retratando a queda de uma importante família sulista queda de costumes e queda financeira retrato pontuado pelo humor fordiano, de que J. Farrell McDonald é o principal veículo. Mas de uma convenção que o afecto de John Ford pelos seus personagens aquece e transfigura.

M. S. Fonseca

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico